

A CONSTRUÇÃO DO PONTO DE VISTA EM COMENTÁRIOS DE UMA POSTAGEM SOBRE FEMINILIDADE/MASCULINIDADE¹

THE CONSTRUCTION OF POINT OF VIEW IN COMMENTS ON A POST ABOUT FEMININITY/MASCULINITY

Mar Silva²

Isabel Muniz-Lima³

Ananias Agostinho da Silva⁴

Resumo

Este trabalho busca analisar a construção do ponto de vista em uma postagem sobre feminilidade/masculinidade do perfil @_simplesebela no Instagram. O quadro teórico-metodológico que fundamenta e orienta nossa análise é pautado em trabalhos da Linguística Textual brasileira, como Cortez (2011; 2013), Custódio-Filho (2011), Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), Cavalcante et al. (2022), Cavalcante e Muniz-Lima (2021) e Muniz-Lima (2024). Para a composição do corpus, selecionamos uma postagem realizada em 15 de novembro de 2022 no perfil mencionado e um conjunto de comentários relacionados a esta. Para a análise, observamos como elementos tecnológicos e linguageiros presentes no vídeo e na descrição da postagem iniciadora, e de alguns comentários dela decorrentes, se relacionam à construção do referente masculinidade/feminilidade e, em paralelo, à manifestação de pontos de vista. Na análise realizada, percebe-se que os objetos de discurso não são desenvolvidos/alterados, revelando pontos de vista relacionados a uma visão mais ou menos conservadora dos referentes em análise. A partir da observação do corpus, é possível concluir que a recategorização dos referentes elencados pela

¹ Trabalho originalmente apresentado à disciplina Linguística de Texto, ministrada pela Profa. Suzana Cortez, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, no segundo semestre de 2022.

² Pedagoga e Linguista Indisciplinar. Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino de Fortaleza (CE). E-mail: mar.silva@educacao.fortaleza.ce.gov.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3463-5034>

³ Professora Adjunta na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Fale/UFAL). Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC) em cotutela com o Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN/UFC). Membro do grupo de pesquisa Protexo (UFC), Gramática & Texto (NOVA), Grupo de Pesquisa Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literaturas (GEDEALL/UFAL) e Grupo de Estudos do Texto e da Leitura (GETEL/UFAL). E-mail: isabel.muniz@fale.ufal.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2809-8292>

⁴ Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos do Texto (GPELT/UFERSA). Membro dos grupos de pesquisa Protexo (UFC), Grupo de Pesquisa em Análise Textual dos Discursos (ATD/UFRN) e do Grupo de Pesquisa Texto, Escrita e Leitura (PUC/SP). E-mail: ananias.silva@ufersa.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5442-5133>

locutora/enunciadora primeira e pelas demais locutoras/enunciadoras auxilia nessa mudança de ponto de vista — e, por consequência, na manutenção ou alteração do tema central.

Palavras-chave: argumentação, pontos de vista, interação, masculinidade, feminilidade.

Abstract

This paper aims to analyze the construction of the point of view in a post about femininity/masculinity from the profile @simplesebela on Instagram. The theoretical-methodological framework that underpins and guides our analysis is based on works from Brazilian Textual Linguistics, such as Cortez (2011; 2013), Custódio-Filho (2011), Cavalcante, Custódio-Filho and Brito (2014), Cavalcante et al. (2022), Cavalcante and Muniz-Lima (2021) and Muniz-Lima (2024). To compose the corpus, we selected a post made on November 15, 2022 on the mentioned profile and a set of comments related to it. For the analysis, we observed how technological and linguistic elements present in the video and in the description of the initiating post, and in some comments resulting from it, relate to the construction of the masculinity/femininity referent and, in parallel, to the manifestation of points of view. In the analysis carried out, it is clear that the objects of discourse are being developed/ altered, revealing points of view related to a more or less conservative view of the referents under analysis. Based on the observation of the corpus, it is possible to conclude that the recategorization of the referents listed by the first speaker/enunciator and by the other speakers/enunciators helps in this change of point of view — and, consequently, in the maintenance or alteration of the central theme.

Keywords: argumentation, points of view, interaction, masculinity, femininity.

Introdução

Na acepção de Alain Rabatel (2016), todo texto manifesta pontos de vista. A compreensão dos pontos de vista presentes nos textos nos possibilita perceber as diferentes vozes que constroem e perspectivam os objetos de discurso (Cortez, 2013) e orientam a construção dos sentidos. Tendo isso em vista, propomos, nesta pesquisa, analisar a construção do ponto de vista em uma postagem sobre feminilidade/masculinidade no Instagram.

Em se tratando de uma interação em contexto digital numa perspectiva textual, não podemos nos resumir à compreensão de elementos linguísticos e/ou gramaticais e visuais; é inevitável ater-se aos elementos tecnolinguageiros (Cavalcante et al., 2022). Nesse sentido, orientamos nossa proposição a partir da compreensão sugerida por Cavalcante e Muniz-Lima (2021) de que os gêneros que circulam em contexto digital *on-line* se organizam em agrupamento, compartilhando “um mesmo espaço físico de

atualização de textos” (p. 5). Assim sendo, ao explorar os comentários de uma publicação no Instagram do perfil “@_simplesebela”, preferimos observar parte desse agrupamento de textos, neste caso, a postagem iniciadora e alguns comentários.

Para construção do quadro teórico-conceitual que fundamenta e orienta nossa análise, elencamos os seguintes trabalhos: Rabatel (2016) e Cortez (2011; 2013), sobretudo para fundamentar a discussão em relação à noção de ponto de vista (doravante pdv); Custódio-Filho (2011), Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014) e Cavalcante *et al.* (2022) para as discussões em torno da noção de referenciação; Cavalcante e Muniz-Lima (2021) e Muniz-Lima (2024) para respaldar a compreensão de interação em contexto digital e da organização dos textos em compósitos/agrupamentos.

2 Ponto de vista e construção de referentes na interação digital

Consoante ao que propõem Cavalcante *et al* (2019), defendemos texto como enunciado que acontece como evento singular, único a cada vez, que compõe uma unidade de comunicação e sentido contextualmente orientada, que se expressa por uma combinação de sistemas semióticos (Cavalcante *et al.*, 2019). Essa expressão, que não se restringe aos aspectos linguísticos, verbais e gramaticais, expande inevitavelmente a compreensão dos processos de comunicação e construção de sentidos numa interação textualmente orientada e situada.

Ademais, a acepção de texto da LT brasileira, com ênfase nos estudos do grupo de pesquisa Protexo, leva em consideração o aspecto argumentativo das interações que se realizam pelos textos. Assim, tendo em vista o que propomos em termos de análise, é válido dizer que todo texto é guiado por uma orientação argumentativa, uma vez que, “[...] mesmo quando não defende [explicitamente] um ponto de vista, o sujeito tenta, de algum modo, influenciar o outro quanto a mudanças no seu modo de pensar, ver, sentir ou agir” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 26). Na construção do pdv sobre feminilidade/masculinidade na publicação por nós analisada, existe esse movimento argumentativo de construção de formas de pensar sobre o assunto.

Como já mencionamos, não limitamos a observação do texto a aspectos linguísticos e verbais. Na realidade, entendemos o texto como um enunciado multimodal completo, único e irrepetível (Cavalcante; Silva e Silva, 2020). Assim

sendo, devem ser observados outros meios de realização textual, como, por exemplo, os sistemas semióticos imagético, sonoro e gestual; e a relação destes com aspectos de ordem tecnológica — que interferem nos processos de coconstrução de sentidos entre interlocutores (Muniz-Lima, 2024).

Adotando essa perspectiva, é válido destacar que, em contexto digital, os textos também são constituídos a partir de material tecnológico disponível. Interações em contexto digital, então, levam em consideração enunciações socioculturalmente ancoradas, em que a indissociabilidade entre matéria linguageira e matéria tecnológica é pressuposto basilar (Muniz-Lima, 2024). É nesse contexto conectado à internet que Paveau (2021) defende que os tecnodiscursos são constituídos. Tecnodiscursos, ou tecnotextos, como preferimos utilizar tendo em vista nosso lugar de fala teórico (Duarte; Muniz-Lima, 2020), são produções textuais elaboradas na internet, com ferramentas disponíveis na mídia, textos projetados, produzidos e programados em contexto digital *on-line* (Paveau, 2021).

Em se tratando da análise de uma interação em contexto digital, especialmente com relação à rede social Instagram, precisamos nos ater à proposta defendida pela LT brasileira de que os gêneros funcionam num compósito ou em agrupamento de textos (Cavalcante; Muniz-Lima, 2021). Nesse sentido, nossa análise leva em consideração não só a postagem iniciadora, mas também os comentários. Nesses textos, conforme temos enfatizado, consideramos os vários aspectos multissemióticos que compõem a publicação como um todo. Em se tratando de um *Reels*, por exemplo, é preciso investigar como os referentes são apresentados e recategorizados levando em consideração tanto o vídeo que compõe a postagem iniciadora quanto a legenda e a imagem que é apresentada no vídeo em questão.

Cortez (2011) destaca que o pdv é uma noção no intercâmbio entre estudos linguísticos e literários, de modo que dialoga com temas como focalização narrativa, manifestação da subjetividade e formas de transmissão do discurso do outro. Todavia, na abordagem enunciativa e interacionista proposta por Alain Rabatel, o pdv não se limita às noções de foco ou focalização da narrativa, mas considera o sujeito focalizador e o objeto do conhecimento focalizado. Noutras palavras, o pdv consiste “[...] na maneira como um sujeito apreende um objeto de discurso na relação com outros enunciadores” (Cortez, 2011, p. 61). Ademais, o pdv indica um fazer ver e fazer saber por parte da instância que conduz argumentativamente o texto. Nessa acepção, o pdv é

construído à medida que o locutor apreende objetos de discurso de modo que outras formas de conhecer, perceber, ver, falar ou agir sobre o mundo sejam conhecidas. Essa construção é eminentemente dialógica, pois o locutor está em constante diálogo com outros pdvs que compõem/interferem na construção do seu próprio pdv (Cortez, 2011).

Sendo assim, o locutor, enquanto sujeito, funciona como uma espécie de centro de perspectiva, porque, ao assumir a função de locutor-enunciador primeiro, como que encena no texto um ponto de vista, mas também dá voz a outros centros de perspectivas (locutores ou enunciadores segundos), instâncias enunciativas com as quais dialoga (Rabatel, 2016). Logo, ele parece guiar a interpretação e a referenciação do texto, mas sem o controle absoluto disso, já que não controla os pontos de vista dos outros centros de perspectivas com os quais dialoga.

Portanto, o pdv pode ser definido em termos da “posição enunciativa” do locutor, ou melhor, como um conjunto de posições enunciativas postas em relação que podem ser investigadas pela maneira como o sujeito apreende um objeto de discurso. O pdv se configura a partir do olhar do locutor/enunciador primeiro construído no dizer e em relação ao dizer dos demais enunciadores.

Nas palavras de Cortez (2011, p. 35), “o pdv envolve representação, sendo resultado de uma elaboração conceitual (sociocognitiva e discursiva) que conecta o sujeito focalizador ao objeto de conhecimento, particularizando um recorte social, histórico e ideológico da realidade ou do conteúdo interpretado”. É por isso que, para Rabatel (1997), a percepção parece ser sempre fundada em uma dimensão epistêmica, isto é, a escolha das referenciações e do próprio processo de percepção indicam sempre um ponto de vista e um saber sobre o objeto de discurso percebido.

Ainda conforme Cortez (2011, p. 26), não existem marcas específicas do pdv, mas inúmeros recursos que contribuem para sua construção e que sinalizam o pdv e a instância enunciativa a ele associado, tais como “[...] seleção lexical, tempos verbais, operadores argumentativos, negação, nominalizações, recursos nominalizadores, recursos moralizadores, marcas de modalização autonímica, formas do discurso relatado etc.” (Cortez, 2011, p. 36).

Nessa perspectiva, falas, pensamentos e percepções assinalam pontos de vista, conferindo posição aos enunciadores do discurso. Importante destacar que “esses enunciadores não são os próprios pontos de vista em si mesmos, mas instâncias cuja subjetividade, seus modos de ver e sentir são manifestados” (Cavalcante *et al.*, 2022, p.

67). O locutor/enunciador primeiro (L1/E1) é o encarregado de gerenciar as informações do discurso. Sendo o principal, representa a instância enunciativa que orquestra toda a condução argumentativa do texto (Cavalcante *et al.*, 2022). Os enunciadores segundo, terceiro e os demais (e2, e3, e4...) “[...] são postos em relação a partir da maneira como o locutor/enunciador primeiro interpreta a compreensão que esses enunciadores têm de um determinado objeto” (Cortez, 2011, p. 38).

A variedade de pontos de vista, e, por consequência, a variedade de enunciadores, revela a argumentatividade intrínseca a todo texto, pois esse jogo de pontos de vista diferentes gerenciados por um locutor/enunciador principal revela a dimensão argumentativa do texto (Cavalcante *et al.*, 2022). Nesse ponto, a noção de pdv assume lugar de destaque em nossa investigação, pois, como salienta Cortez (2011), dada a natureza dialógica do pdv, “[...] a representação dos pdvs não constitui o reflexo de uma realidade pré-estabelecida, mas um processo constantemente atualizado no discurso que favorece não só a construção de objetos, mas a manifestação de identidades pessoais e/ou coletivas” (p. 66), numa constante negociação.

Identidades de gênero e, neste caso, expressões de gênero, são construções sociais, elaboradas na e pela cultura, com uma circunscrição histórica e ideológica. Na postagem a ser analisada, observa-se um movimento de construção e consolidação desses objetos de discurso, nesse sentido, neste trabalho, interessa-nos analisar a construção dos pontos de vista em relação a esses objetos discursivos que estão em constante negociação.

Para analisar a representação das masculinidades/feminilidades, precisamos nos ater ao processo de referênciação desses objetos de discurso. Conforme assinalam Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), a referênciação é uma “[...] constituição sociocognitiva-discursiva de objetos de discurso reveladores de versões da realidade e estabelecidos mediante processo de negociação” (p. 42). Os objetos de discurso — noção que surge em Mondada (1994) — são fruto de uma constante reelaboração da realidade, ou seja, é um processo que resulta da negociação ativa dos participantes no circuito comunicativo. Ao enunciar, os interactantes negociam, constroem e compartilham conhecimentos, percepções e modos de ver/fazer coisas no mundo. Ao fim e ao cabo, a referênciação opera uma complexa operação de construção de sentidos.

Sobre essa negociação, Cavalcante *et al.* (2022, p. 271) destacam que:

As negociações não se restringem a decisões sobre expressões referenciais mais adequadas apenas, mas a qualquer escolha de elementos textuais interligados, que emergem na situação encenada e incorporam valores sociais. São negociações porque não correspondem a uma verdade, nem à melhor verdade, mas a verdades filtradas por óculos sociais por vezes divergentes e por perspectivas individuais nunca coincidentes.

Essas negociações correspondem a verdades que são construídas na própria interação. O processo de negociação de sentidos é um jogo complexo que, como destacam os autores, leva em consideração os valores sociais que cada interlocutor traz consigo. Isso porque as unidades textuais são sempre valoradas em processos referenciais que determinam a orientação argumentativa dos textos (Silva; Brito, 2022). A continuidade do sentido que está em construção depende, no entanto, da progressão dos referentes (Cavalcante *et al.*, 2022).

Para Cavalcante e Brito (2016), a recategorização faz parte da natureza da retomada anafórica, de modo que as mudanças por acréscimo, correção e confirmação, propostas em Custódio-Filho (2011), seriam etapas do fenômeno de recategorização nas retomadas anafóricas. As autoras optam pela noção de “recategorização” por entender que mudanças por acréscimos sugerem alterações. Ou seja, toda modificação implica a inserção de um novo viés (Cavalcante; Brito, 2016). E, nessa esteira, a recategorização teria ou a função de manutenção referencial ou progressão referencial.

Destacamos aqui a noção de recategorização, pois esse processo, que é desencadeado após a apresentação de um referente, pode dar pistas intertextuais e remeter a outros referentes, geralmente antecipando pontos de vista que são confirmados ou refutados ao longo do texto (Cavalcante; Martins, 2020), como veremos em nossa análise.

3 Aspectos metodológicos

Para a composição do *corpus*, selecionamos, a partir do recurso de *printscreen*, uma postagem realizada em 15 de novembro de 2022 no perfil “@_simplesebela”, do Instagram. A postagem constitui-se de vídeo e de uma descrição, a que chamamos de postagem iniciadora, elaborada por um locutor/enunciador primeiro, seguida de um conjunto de comentários, elaborados por outros locutores/enunciadores. Entendendo com Cavalcante e Muniz-Lima (2021) que, em contexto digital, os textos costumam se organizar em agrupamentos, tanto a postagem iniciadora quanto os comentários foram

considerados na análise. Na seleção dos comentários, levamos em consideração os seguintes critérios: selecionamos comentários fixados, comentários mais curtidos e comentários de comentários (tanto dos fixados quanto dos mais curtidos). Esse recorte leva em consideração o fato de que os comentários fixados e mais curtidos tendem a aumentar os níveis de interatividade da interação (Muniz-Lima, 2024), levando os interlocutores a reagirem a estes (curtindo ou comentando) e, com esses gestos tecnolinguageiros, revelarem adesão a determinados pontos de vista.

Tendo em vista esse recorte, excluímos, em consequência, outros comentários que não contemplavam algum desses critérios. Até o dia 15 de novembro de 2022, data da coleta do material, encontramos 188 comentários na publicação em questão. Desse quantitativo geral, selecionamos 27 comentários. Dos 27, dois foram fixados, sendo que, desses dois fixados, o primeiro obteve um total de cinco respostas, e o segundo seis respostas; ambos com mais de 200 curtidas. Os demais comentários foram os mais curtidos e mais comentados.

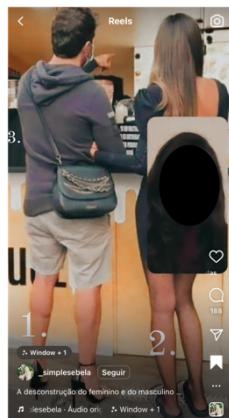
A partir desse quantitativo, visando sistematizar a análise, criamos os seguintes códigos: comentários fixados pela L1/E1: C1-fixado e C2-fixado, respectivamente; respostas ao C1-fixado; respostas ao C2-fixado; C3+respostas; C4+respostas.

4 Análise e discussão das interações

A autora da publicação e dona do perfil “@_simplesebela”, na postagem em questão, elencou, como tema, a “desconstrução do feminino e do masculino” e, como subtema, o comportamento de mulheres e homens. Os pontos de vista, tanto dela quanto dos demais enunciadores, se confrontam com o tema e subtema selecionados.

No vídeo, que compõe a postagem iniciadora, a autora explora uma imagem, na qual um homem está de salto alto e bolsa tiracolo e há uma mulher ao seu lado, aparentemente, com a sandália do homem. L1/E1, portanto, começa o vídeo e a descrição com a frase “A desconstrução do feminino e do masculino estão nos detalhes do nosso comportamento”. Essa fala anuncia o tema a ser discutido, como também dá indícios do ponto de vista assumido pela locutora/enunciadora primeira. L1/E1 revela seu pdv ao sugerir cautela para o homem, que deve, a seu ver, ter uma gentileza moderada, porque ser gentil não “quer dizer, homem, que você tem que usar o calçado dela”.

Figura 1 – Postagem iniciadora



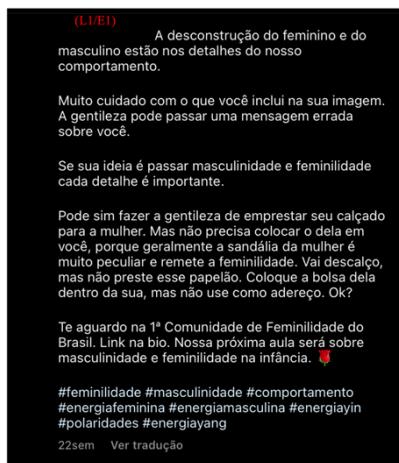
Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)⁵.

No vídeo presente na postagem iniciadora, a L1/E1 faz apreciação de uma imagem estática. Entendemos que tanto a imagem estática quanto as imagens em movimento, o som e a semiose verbal presente na legenda da publicação são textos e, por isso, aderimos à essa compreensão de que há uma organização dessas práticas em agrupamentos e que esse tipo de organização reforça ou altera o ponto de vista da locutora/enunciadora primeira.

A enumeração dos pontos de vista para análise foi sistematizada por ordem de aparição na postagem, isso porque nos interessa a construção do objeto de discurso feminilidade/masculinidade a partir da publicação e, principalmente, nos comentários. Assim, o primeiro pdv é da responsável pela publicação; o segundo pdv é do homem da imagem, cujo comportamento está sendo avaliado por L1/E1; o terceiro pdv é construído no primeiro comentário fixado; o quarto pdv é construído no segundo comentário fixado; e os demais aparecem nas respostas a esses comentários. A seguir, na Figura 2, observamos a legenda da postagem iniciadora, na qual se evidencia o pdv da L1/E1:

Figura 2 – Postagem iniciadora (legenda da publicação)

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.



Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)⁶.

A legenda complementa o que foi expresso no vídeo. No vídeo em questão, o pdv de L1/E1 é afirmado sobretudo ao dizer que o “calçado dela”, isto é, o salto, é um “símbolo da feminilidade”, pois metaforiza o próprio feminino. Aqui, então, a locutora/enunciadora primeira categoriza “feminino” e, em contraste, o “masculino”. L1/E1 enfatiza, tanto no vídeo quanto na legenda, que tudo que um homem ou uma mulher veste e usa como acessório remete a uma mensagem sobre si, à construção de um *ethos*. Ela diz que, se a ideia é passar feminilidade/masculinidade através da vestimenta, deve-se ter cuidado com o comportamento, porque cada detalhe importa. L1/E1 parece estar preocupada com as leituras e os sentidos possíveis que um gesto assim pode suscitar. Esse é, então, o seu ponto de vista e é a partir daqui que os outros pdvs serão perspectivados.

Ao final da descrição da postagem, a autora convida o público leitor para participar de um evento que ela está organizando sobre feminilidade. A locutora/enunciadora primeira usa, ao final, um *emoji* de rosa (🌸) que, no senso comum, remete à feminilidade, e um conjunto de *hashtags* ou tecnopalavras que remetem aos tópicos que podem ser pesquisados na rede em questão e que ratificam determinados posicionamentos conservadores sobre a discussão: #feminilidade #masculinidade #comportamento #energiasfeminina #energiamasculina #energiayin #polaridades #energiayang. Além disso, o emprego dessas tecnopalavras facilita a rastreabilidade e o alcance do texto, que poderá atingir um número maior de usuários, e

⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

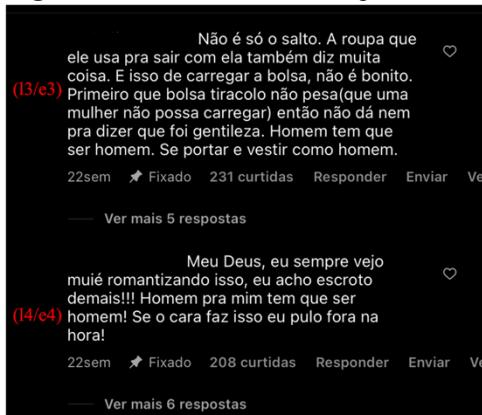
cumprir o propósito final do texto: convidar o público para um evento mencionado na postagem.

No momento da coleta do *corpus*, em 15 de novembro de 2022, a publicação apresentava 188 comentários e 90 mil visualizações. A autora responsável pela publicação utilizou um recurso do Instagram para fixar (deixar em destaque) dois comentários, que aparecem como principais em sua hierarquização. Esses dois comentários ratificam e fomentam o seu ponto de vista. O primeiro comentário, que etiquetamos como C1-fixado, recebeu 231 curtidas e cinco respostas. As curtidas marcam algum tipo de influência em relação ao comentário, embora estar fixado lhe dê maior proeminência em relação aos demais, o que permite que um público maior visualize esse conteúdo. Trata-se de uma estratégia tecnológica disponível pela mídia do ambiente, já que nem todos os interlocutores leem o quantitativo total dos comentários de uma publicação, resumindo-se, em geral, a olhar os primeiros comentários ou os fixados.

Levando em consideração o aumento enunciativo (Paveau, 2021) como característica desse agrupamento de textos, consideramos que cada comentário revela um locutor/enunciador, visto que todos assumem a palavra/fala como fonte do dizer, sendo, assim, não só enunciadores, mas também locutores.

Assim, na Figura 3, observamos a manifestação do ponto de vista de l3/e3 e de l4/e4 em relação ao pdv de L1/E1. Enfatizamos que esses comentários foram fixados pela enunciadora/locutora primeira, e consideramos que eles servem como estratégia de manutenção e reafirmação de seu pdv, mesmo que eles codifiquem feminilidade/masculinidade de uma forma mais específica, atribuindo-lhes mais características e recategorizando esses referentes.

Figura 3 – Comentários fixados pela L1/E1

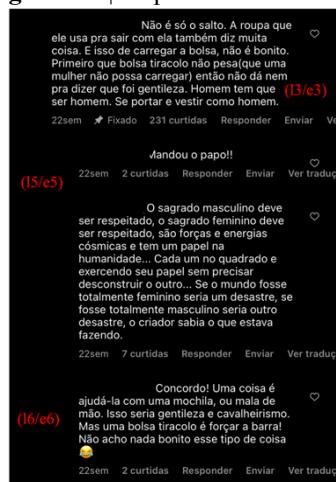


Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)⁷.

No C1-fixado, então, como vemos na Figura 3, apresenta-se o pdv da enunciadora/locutora terceira (l3/e3), que, por sua vez, se remete ao homem da foto cujo comportamento está sendo avaliado na interação. Esse homem pode ser considerado um segundo enunciador (e2), já que seu pdv é representado pela L1/E1 como condizente a um comportamento reprovado por quem reproduz masculinidade – negociada na interação como masculinidade certa e aceitável. Como o tema em discussão é o comportamento, l3/e3 revela seu pdv ao dizer que “a roupa que ele usa pra sair com ela também diz muita coisa”, o que reforça, pelo modo de apresentação dos referentes, o pdv de L1/E1. O acréscimo de que a roupa que o homem está usando é inadequada reforça esse ponto de vista. A interlocutora ainda coloca em xeque a avaliação que é feita sobre o homem estar sendo gentil ao carregar a bolsa da mulher, pois “bolsa tiracolo não pesa”, de modo que não era necessário carregar a bolsa da mulher. Um pdv comum nessa interação, reforçado no comentário de l3/e3, é que “homem tem que ser homem”, ou seja, portar-se e vestir-se como homem cisheteronormativo.

Nesse enunciado, fica evidente a presença de uma ideologia conservadora acerca de uma performance de masculinidade atrelada a uma noção de homem viril, sendo difícil pensar em outros tipos de performances masculinas, por exemplo. Como veremos, essa ideologia é o pano de fundo dos pontos de vista analisados por nós.

Figura 4 – |Respostas ao C1-fixado



Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)⁸.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

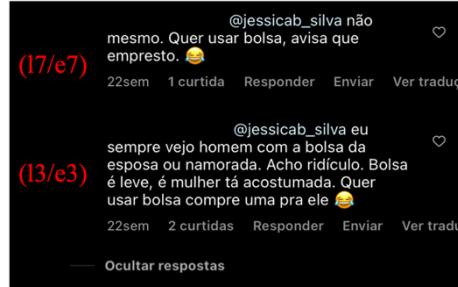
⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

Na Figura 4, vemos um quinto locutor/enunciador (l5/e5), em resposta a l3/e3 (resposta ao Comentário 1 fixado), qualificar o masculino como sagrado, recategorizando o que estava em negociação acerca do masculino, isto é, a representação de um ser que não deve apresentar gentileza extrema, deve se vestir como homem; não só o masculino, aliás, o feminino também é sagrado e, portanto, devem ser respeitados. Recategoriza masculino/feminino como “energias cósmicas que tem papel na humanidade”. O pdv de l5/e5 apresenta um caráter religioso através do uso de um discurso conservador fundamentado por uma ideologia cristã. Seu ponto de vista é influenciado por uma concepção religiosa do mundo, o que fica explícito quando l5/e5 diz que “o criador sabia o que estava fazendo”.

Ainda nas respostas ao C1, l6/e6, por sua vez, concorda com l3/e3 e reforça seu pdv, sobretudo ao também não avaliar o comportamento como sendo gentil, já que ele não estava carregando a mochila ou mala de mão da mulher, mas um adereço leve. A l6/e6 diz não achar, referindo-se ao comportamento, “esse tipo de coisa” bonito. Essa locutora/enunciadora, assim como outras enunciadoras, vale-se de um *emoji* de riso (😂) e, com esse uso tecnolinguístico, tanto retoma o referente em questão quanto marca seu posicionamento em favor de uma visão conversadora das masculinidades/feminilidades. O uso desse recurso imagético reforça, nesse exemplo, seu posicionamento na discussão, demonstrando um tom de ironia utilizado pela locutora/enunciadora.

Na Figura 5, observamos a resposta de l7/e7 em relação ao comentário de l6/e6, que diz “não mesmo”, revelando um pdv que é coerente com os demais e, em especial, com l6/e6, pois, retomando o contexto, o que ela avalia como “não bonito” é o comportamento do homem. L3/e3 responde a l6/e6 enfatizando que esse tipo de comportamento é ridículo. l7/e7 e l3/e3, em resposta a l6/e6, e a própria interlocutora que fez o comentário, utilizam *emoji* de riso ao final do comentário. Esse contexto reforça a dimensão risível do comportamento por elas reprovado, como vemos:

Figura 5 – Respostas ao C1-fixado (continuação)



⁹Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023).

O segundo comentário fixado (C2-fixado) apresentava, no ato da coleta, 208 curtidas e 6 comentários. Este comentário fixado revela o pdv de l4/e4, quando esta diz que vê “muié” romantizando isso. Importa destacar que “isso” é uma anáfora pronominal encapsuladora, muito utilizada nos pdv dessa interação, que indica o comportamento que está sendo julgado pelas enunciadoras e sugere a relação dos textos em agrupamento, e que tem relação direta com a recategorização do referente e construção dos pdvs das locutoras enunciadoras. Em seu pdv, l4/e4 repudia esse comportamento ao classificá-lo como “escroto”, como se observa na Figura 6, a seguir:

Figura 6 – C2 fixado + respostas



Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)¹⁰.

Assim como 13/e3, 14/e4 diz que “homem tem que ser homem”. É provável que a noção de homem defendida pelas locutoras/enunciadoras esteja atrelada à masculinidade hegemônica: homem viril e másculo, que usa os símbolos corretos, isto

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

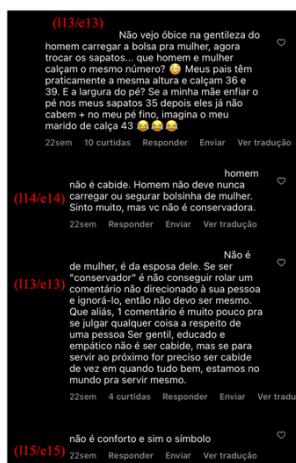
¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

é, que não utiliza, mesmo para ser gentil, adereços ditos femininos. Além disso, ao dizer que “se o cara faz isso eu pulo fora na hora”, ele apresenta um pdv de reprovação desse tipo de comportamento.

Em resposta a l4/e4, l8/e8 diz que não queria um homem desses – expressão referencial que se apoia na imagem, que retoma o homem da imagem que está sendo avaliada. Essa fala reforça tanto o pdv de l4/e4 quanto o de L1/E1. Na verdade, dos seis comentários-resposta, cinco reforçam, pelo modo como apresentam os referentes de masculinidades/feminilidades, o pdv de l4/e4: “não queria um homem desses” (l8/e8); “idemmm” (l9/e9); “não passa nenhuma segurança” (l10/e10); “achei a só eu pensava assim” (l11/e11); e “kkkkkkk” (l12/e12). O último comentário-resposta a l4/e4 é, ao que parece, uma outra interação que foi perdida. Levantamos a hipótese de que o comentário que abre essa nova interação – l4/e4 parece responder a alguém – não está mais disponível, como se tivesse sido apagado pela autora da publicação, recurso de interatividade que demonstra um certo controle sobre o conteúdo compartilhado (Muniz-Lima, 2024).

Na Figura 7, observamos o Comentário 3, por meio do qual lemos que l13/e13, indo contra o que foi até agora representado acerca do comportamento do homem, considera gentil o comportamento de levar a bolsa da mulher. Assim, seu pdv não reforça os pdvs anteriormente apresentados. No entanto, l13/e13 fala sobre a troca de calçados e lança o questionamento: “que homem e mulher calçam o mesmo numero?”. Logo após a pergunta, utiliza um *emoji* para registrar espanto e/ou vergonha (😳).

Figura 7 – C3 + respostas



Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)¹¹.

O pdv de 113/e13 está pautado na concepção de que homens e mulheres são fisiologicamente diferentes, como pode ser percebido pelo tamanho dos pés, por exemplo. Mas uma compreensão conservadora, desta vez pautada num discurso biologista. Para argumentar a favor de seu pdv, 113/e13 introduz, nessa troca dialogal, novos referentes a favor de seu PDV conservador. Para isso, faz uma ilustração utilizando os pais como exemplo, pois a mãe calça 36 e o pai 39. Termina o comentário com três *emojis* de risos (😂😂😂), possivelmente enfatizando, como as demais, o caráter de chacota do comportamento julgado.

Em resposta a 113/e13, 114/e14 muda o tópico e recategoriza o referente homem ao dizer que “homem não é cabide”; 114/e14 discorda de 113/e13, enfatizando que não se trata de gentileza “servir de cabide” para mulher. 114/e14 ainda diz que homem “não deve nunca carregar ou segurar bolsinha de mulher”. Em seu pdv, 114/e14 revela-se avesso à possibilidade de carregar a bolsa da mulher, não só para não passar a mensagem errada, como defendido por L1/E1, mas, para ser contrário ao que defende 113/e13, que classifica o comportamento como gentil. Ademais, 114/e14, avaliando o pdv de 113/e13, diz que a locutora/enunciadora não é conservadora.

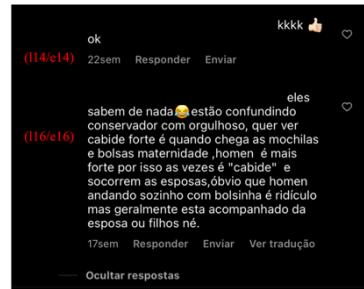
A 113/e13, em resposta a 114/e14, infere que a mulher da imagem não é a “mulher”, mas a “esposa”. A referenciação aqui opera uma recategorização, que particulariza o referente e altera os sentidos que vinham sendo construídos. Mudar o referente, pensando não mais na mulher, mas na esposa, ajuda a reforçar seu pdv e seu argumento: carregar a bolsa da esposa é um ato de gentileza. Nessa perspectiva, o comportamento, que pode não ser aprovado no caso de um homem carregar a bolsa de uma mulher, é aprovado quando esta mulher é sua esposa. Nesse caso, “ser gentil não é ser cabide”. 113/e13 ainda complementa seu pdv com a afirmação de que “estamos no mundo para servir”, revelando, assim, uma ideia cristã conservadora.

Ainda em C3, em resposta a 113/e13, 115/e15 reafirma o pdv de L1/E1 ao dizer que não se trata de conforto, mas de simbolismo por trás do comportamento. 115/e15, em resposta à 113/e13, ressalta que não se trata de uma discussão sobre conforto, mas sobre como a ação do homem é simbólica – o que, de certo modo, reforça os pontos de vista da L1/E1, 13/e3 e 14/e4.

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

Na Figura 8, na continuação das respostas a C3, l14/e14 volta para a interação e responde ao comentário-resposta de l13/e13 com “kkkk”, o emoji e um “ok”, apresentando, a nosso ver, um tom de ironia:

Figura 8 – respostas a C3 (continuação)

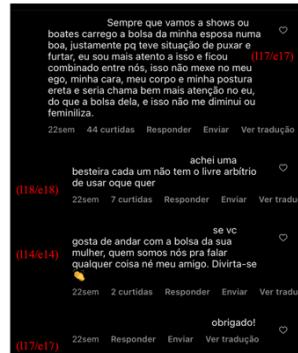


Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)¹².

A interação criada em C3 finda com o comentário de l16/e16 em resposta a l13/e13, quando diz que “eles não sabem de nada”, incluindo, ao que parece, l14/e14 em uma classe de homens que confundem os referentes “conservadores” e “orgulhosos”. Em seu pdv, l16/e16 constrói a possibilidade de o homem ser cabide para “socorrer as esposas”, já que são mais fortes. Não ajudar a esposa carregando a bolsa revelaria, portanto, um homem orgulhoso, não um homem conservador. A locutora/enunciadora não deixa de concordar com outros pdvs supracitados, visto que também diz que “homem andando sozinho com bolsinha é ridículo”.

Na Figura 9, acompanhamos a interação no Comentário 4 (C4), no qual é possível observar outra contra-argumentação ao pdv predominante. l17/e17, retomando sua própria experiência, diz que leva a bolsa da esposa por precaução. Seu pdv é evidenciado ao dizer: “carrego a bolsa da minha esposa numa boa, justamente pq teve situação de puxar e roubar”.

Figura 9 – C4 + respostas



¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

Fonte: elaborado pelos autores a partir do perfil @_simplesebela (2023)¹³.

l17/e17 retoma o referente “esposa” que, conforme visto em outros pdvs, parece justificar o comportamento julgado. Além disso, seu pdv está pautado na segurança dos bens da esposa. Mais uma vez, a anáfora pronominal encapsuladora “isso” é utilizada para enfatizar que o comportamento “não mexe no meu ego, minha cara, meu corpo e minha postura ereta e séria chama bem mais atenção no eu, do que a bolsa dela”. l17/e17 elenca um conjunto de características que reforçam sua masculinidade. À medida que contraria o pdv que não concebe o ato de carregar a bolsa da mulher como comportamento masculino, l17/e17 também reforça o pdv de L1/E1, uma vez que apresenta detalhes de sua conduta masculinista¹⁴: cara, corpo, postura ereta e séria. De acordo com o pdv de l17/e17, não só a construção do feminino/masculino está nos detalhes, mas sua manutenção também.

Em resposta a l17/e17, l18/e18 concorda com as afirmações deste, avaliando a postagem com a anáfora encapsuladora “uma besteira”. Para l18/e18, comportamento depende do livre arbítrio e cada um tem o seu. l14/e14 também responde l17/e17. A nosso ver, l14/e14 utiliza um tom de ironia, pois diz “se você gosta de fazer isso, quem somos nós para julgar”; utiliza, ainda, o vocativo “meu amigo” e o imperativo “divirta-se”. l14/e14, como vemos, está reafirmando o pdv defendido em C3, isto é, que “homem não é cabide”, que essa tarefa não lhe cabe. O tom de ironia reforça uma espécie de depreciação ao comportamento que equipara homem a um acessório utilizado para segurar coisas. l17/e17, no entanto, parece não se importar com o tom de ironia, pois responde com “obrigado”, apenas.

Destacamos que, embora o tópico em discussão fosse possivelmente mais direcionado a um público masculino, a maioria das enunciadoras são mulheres. Inclusive, podemos dizer que existe uma relação de contraste em que as masculinidades/feminilidades se constroem: comportamentos (que, nesse caso, envolvem o uso de acessórios e adereços) para cada gênero, seguindo uma orientação tradicional e do senso comum do que a sociedade concebe como homem e mulher.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cerle0Gjjik/>. Acesso em: 25 dez. 2023.

¹⁴ Essa expressão aponta para uma corrente político-ideológica que busca resgatar uma dita “virilidade masculina” como capacidade inata de sujeitos cis-hétero. Movimento que se aproxima muito da noção de “masculinidade normativa” que, segundo Silva Júnior (2019, p. 2015), pode ser considerado “[...] um modelo consolidado em nossa sociedade, que confere ao homem o poder de ser, que valoriza a força, o gosto pelos esportes e a dominação e que principalmente exige performances muito específicas como sentar de pernas abertas, pegar em órgãos genitais, estar pronto para brigar, dentre outros exemplos”.

Esses comportamentos são mais ou menos negociáveis, visto que, para algumas mulheres, o homem é gentil ao carregar a bolsa de uma mulher; para outras, no entanto, este comportamento faz com que o homem seja visto como “cabide”. Ademais, existe ainda outra variável: a mulher pode ser mais que uma “simples” mulher, ela pode ser a esposa. Nesse caso, na qualidade de marido, o homem deve ser gentil e carregar a bolsa da esposa. Ademais, há o elemento “força”, que, conforme o último pdv apresentado, representa segurança: o homem é mais forte e pode proteger a bolsa de possíveis furtos.

Considerações finais

A interação em contexto digital é um fenômeno complexo e multifacetado. Tomando a interação por nós analisada como representativa, percebe-se que o tema proposto na postagem (no caso em análise, vídeo e legenda compondo a postagem iniciadora, e comentários apresentando os desdobramentos da interação fonte) pode ser desenvolvido ou alterado conforme os pontos de vista são manifestados. A recategorização dos referentes elencados pela locutora/enunciadora primeira e pelas demais locutoras/enunciadoras auxilia nessa mudança do pdv — e, por consequência, na manutenção ou alteração do tema. No caso analisado, se o homem é qualificado como gentil, temos um ponto de vista em que o comportamento não é aprovado, mas é justificado; se ele é qualificado como “cabide”, seu comportamento tanto é reprovado quanto não justificável. No entanto, se a mulher é “a esposa”, o comportamento, além de justificado, passa a ser necessário, visto que o homem é forte e provê segurança.

Sendo um fenômeno complexo, algumas outras nuances da interação em contexto digital numa perspectiva textual precisam ser vistos. Sugerimos, como proposta de trabalhos futuros, um olhar mais apurado sobre os elementos tecnolinguageiros da própria mídia Instagram, como a função de “ocultar comentários” — que, levantamos como hipótese, semelhante à função de “fixar comentários”, pode vir a auxiliar L1/E1 na manutenção de seu ponto de vista; ou mesmo as *hashtags*, que são tecnopalavras que direcionam os leitores para outros conteúdos que podem ou não coadunar com o ponto de vista defendido.

Ademais, pensamos que os estudos sobre gênero e sexualidade na perspectiva *queer* podem lançar luz sobre a problemática em torno da “desconstrução do feminino/masculino”. Que performance de feminilidade/masculinidade é esta que está

sendo negociada? Qual o conceito de masculino/feminino? Como a noção de ponto de vista nos auxilia nessa interlocução é, indubitavelmente, algo a ser aprofundado em outras investigações.

Referências

- BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf. Acesso em: 22. nov. 2022.
- CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: AQUINO, Z. G. O. de; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (Orgs.). **Estudos do discurso: caminhos e tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. p. 119-133. Disponível em: <http://cied.fflch.usp.br>. Acesso em: 22. nov. 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; SILVA, T. S.; SILVA, Y. W. Dimensões analíticas da Linguística Textual. In: LIMA, A. H. V; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2020.
- CAVALCANTE, M. M; MUNIZ-LIMA, I. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, e2328, p. 430-450, set.-dez./2021. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2328>. Acesso em: 21. nov. 2024.
- CAVALCANTE, M. M. CUSTÓDIO FILHO, V., BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos - Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise**, Espírito Santo, v. 13, n. 25, p.25-39, set. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>. Acesso em: 22. nov. 2022.
- CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Referenciação: em síntese. In: LIMA, A. H., SOARES, M. E., CAVALCANTE, S. A. de S. **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, v. 2, p. 237- 272. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/linguistica-geral-2>. Acesso em: 22. nov. 2022.
- CORTEZ, S. A representação de pontos de vista em reportagens de revista feminina. In: Emediato, W. (Org). **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p. 293-315.

CORTEZ, S. L. **A construção textual-discursiva do ponto de vista:** vozes, referênciação e formas nominais Tese de Doutorado. IEL, Campinas: UNICAMP, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações:** esmiuçando o caráter heterogêneo da referênciação. 329f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MUNIZ-LIMA, I. **Linguística Textual e Interação Digital.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2024.

SILVA, A. A.; BRITO, M. A. P. Referênciação e valores em textos polêmicos. In: **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação.** v 1, n. 22, 2022, p. 38-60. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/3326>. Acesso em: 29 abr. 2023.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso digital:** dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. RABATEL, A. **Homo narrans:** por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa: pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi e João Gomes da Silva Neto. V.1. São Paulo: Cortez. 2016.